

O Brasil poderá deixar de exportar café

SYLVIO LARA PUPO*

Se o Brasil continuar insistindo em manter a atual política cafeeira, antes do ano 2.000, não só deixará de exportar café, como não produzirá o suficiente para atender o consumo interno, pelo seguinte:

Em 1931, quando foi realizada em São Paulo, a II Conferência Internacional do Café, foi constatado que a produção mundial da rubiácea, a partir de 1906 a 1930, ano que a política do café passou a ser dirigida pelo Governo Federal, a produção mundial apresentou o seguinte quadro:

Produção Mundial . . . 495.965.000
de sacas
Produção do Brasil 365.861.000
de sacas
Participação do Brasil 69,2%

Verificando a posição do Brasil a partir de 1930, observa-se que tanto a produção, como o consumo interno, vêm declinando. A exportação mundial de café em 1976, foi de 58,3 milhões de sacas, tendo o Brasil participado com 15,6 milhões de sacas.

O Brasil quando contava com população estimada em 45 milhões de habitantes, a população cafeeira era de 4 bilhões de pés, cultivados por mais de 6 milhões de trabalhadores entre homens e mulheres, residentes nas fazendas, quando o consumo interno, sem computar o café consumido pelos agricultores, era de 6,6 milhões de sacas.

O Brasil em 1977, passou a contar, entre lavouras velhas e novas, com 3.061 bilhões de cafeeiros assim dis-

tribuídos: Paraná, 764 (milhões); São Paulo, 895; Minas Gerais, 819; Espírito Santo, 331 e outras Estados, 252 milhões de cafeeiros.

O maior consumo interno deu-se entre 1971/72 quando atingiu 8,9 milhões de sacas e o menor, entre 1976/77, de apenas 5,9 milhões de sacas.

Diante das estatísticas, surge a indagação: quais foram as causas responsáveis pela queda da exportação e do consumo interno?

Respondendo como é forçoso fazê-lo, a essa indagação, pensamos tratar-se do seguinte:

1.º) O Confisco Cambial sobre o café na exportação.

2.º) O Estatuto do Trabalhador Rural — E. T. R.

O primeiro, por descapitalizar os cafeicultores deixando-os sem condições para aprimorar a qualidade do café, defender o solo contra a erosão, aumentar a produtividade de suas lavouras, combater as pragas e adubar seus cafezais com composto orgânico, quando o cafeeiro se tornaria mais resistente à seca e às pragas.

É evidente que programa dessa natureza exige muita mão-de-obra elevando o custo de produção, porém seria compensado pelo aumento da produtividade, reduzindo o custo de produção, principalmente por limitar o consumo de fertilizantes químicos, suficiente para corrigir o que o composto não tem condições de oferecer.

Segundo, o Estatuto do Trabalhador

Rural, afastou o trabalhador residente das fazendas, transformando-os nos chamados "bóias-frias", passando a residir nas favelas das cidades, transformados de produtores a consumidores.

Com respeito a qualidade do café, para muitos, tanto faz produzir um bom, como um café de má qualidade, porque há mercado para todos os tipos e qualidades, procurando ignorar que essa tem sido uma das razões pelas quais o Brasil vem perdendo seu lugar na exportação e entregando o próprio mercado interno para os refrigerantes das multinacionais.

Os tradicionais importadores e torrefadores de café do Brasil, que usam na composição dos seus "blends", maior quantidade de café do Brasil, devido a falta de aprimoramento do café e às constantes resoluções perturbadoras do mercado imposta pelo IBC, geradoras de desconfiança, cada dia afastam mais, o café do Brasil dos seus "blends".

Hoje, a concorrência entre os torrefadores em defesa das suas marcas, tornou-se mais agressiva, quando passaram exigir café de qualidade com maior rendimento por xícara. A preferência hoje, está voltada para o café que contém mais substância de azoto, isto é, alimentícias, menos água, mais cafeína, menos cinza, mais açúcar, menos ácido tânico, mais princípios gordurosos, menos dextrina, mais celulose, mais corante.

Segundo os técnicos, para se obter